

ENTREVISTA

É possível falar em religião pública?

Entrevista com o Prof. Carlos Procópio

Is it possible to talk about public religion?

Interview with Professor Carlos Procópio

Janaína Alexandra Capistrano da Costa¹

Resumo

Entrevista realizada com o Prof. Carlos Procópio durante debate promovido pelo grupo de Pesquisa Mythos-Logos (PPGCS/UFRN), sobre a questão: É possível falar em religião pública? O entrevistado discorre sobre dinâmicas de publicidade das religiões e sua materialização em monumentos e territórios, trazendo resultados de pesquisas e elementos metodológicos. Finalmente, indica um conjunto de referências para essa área de estudo.

Abstract

Interview with Professor Carlos Procópio during debate promoted by Research Group Mythos-Logos (PPGCS/UFRN), about the question: is it possible to talk about public religion? The interviewee talks about the publicity dynamics of religions and their materialization in monuments and territories, bringing research results and methodological elements. Finally, he indicates a set of references for this study area.

Apresentação

No dia 17 de maio de 2021, o Grupo de Pesquisa Mythos-Logos (PPGCS/UFRN) realizou de forma remota a 3ª edição do *ML debates*, cujo tema foi definido pela questão: É possível falar em religião pública? Tal indagação abre espaço para pensarmos sobre o lugar das religiões, sua privatização ou “desprivatização”, concepções de esfera pública, bem como sobre os movimentos de construção de expressões religiosas.

¹ Doutora e Pós doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Professora do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: janacapis@uft.edu.br

O professor Carlos Procópio (IFSP/CEBRAP) foi um dos nossos convidados nessa ocasião. Suas contribuições analíticas encontram-se baseadas em pesquisas sobre as dinâmicas de publicidade das religiões que evidenciam, sobretudo, as dinâmicas materiais plasmadas em monumentos e territórios. Na presente entrevista, selecionamos alguns pontos altos de sua fala e procuramos explorar possíveis desdobramentos de forma mais sistemática. Ademais elaboramos novas questões oriundas da estimulante reflexão aberta com esse debate, a fim de constituir um documento que sirva de apoio especialmente aos pesquisadores do grupo, mas também ao público em geral que se interessa pela temática das religiões na contemporaneidade.

A Entrevista

1) JANAÍNA CAPISTRANO: Professor Carlos, na sua fala você apresentou alguns resultados da sua pesquisa sobre a Catedral de Nossa Senhora de Guadalupe em Foz do Iguaçu e mencionou como esse templo foi crucial na mudança da sua perspectiva analítica, como você processou essa “virada” a partir da sua percepção sobre as relações entre sujeito e objeto?

CARLOS PROCÓPIO: Para mim existe um tipo de educação da atenção que permite que nossas experiências acumuladas nos façam ver as coisas de forma diferente. Sempre investiguei grupos carismáticos, mas nunca deixei de ser socializado em outros temas e ter interesse nas mais diversas abordagens no campo das ciências sociais da religião. Em meados dos anos 2000, quando já bolsista de Iniciação Científica, passava em um corredor de minha universidade quando ouvi alguns colegas rezando e cantando. Claro que achava aquilo estranho, mas já tinha acumulado algumas leituras de nosso campo de investigação, o que de pronto me fez imaginar coisas que podiam se esconder atrás daquele fenômeno. Não era tão somente gente alienada que não se interessava pela universidade, mas justamente gente que queria uma outra universidade (falavam de ciência, de política e de trabalho), tal como aqueles que,

como eu, tinham forte engajamento na vida universitária. Lógico que tinham um tal de Jesus e Espírito Santo que operava como elemento de distinção entre nós e eles. A partir daí fui buscando conexões e construindo um itinerário de pesquisa no campo do catolicismo carismático. Anos depois, se não estou enganado em dezembro 2015, fui a um Congresso em Foz do Iguaçu. Lá acabei visitando alguns templos religiosos, a convite do Anaxssuel Fernando da Silva, professor da universidade federal naquela cidade. Passamos na Mesquita e na Concienciologia, espaços que pelas suas condições pitorescas já chamam muito a atenção, mas o que mais me impressionou foi a visita a uma Catedral Católica, ainda em construção. Mal-acabada, cacofônica, ela tinha um traço diferente, com ondulações na cobertura e portais enormes dirigidos para lados diferentes. A Catedral estava dedicada a Guadalupe e não foi difícil ver a simbologia emergir: em uma tríplice fronteira, a padroeira era latino-americana, cada portal representava um lado da fronteira, a ondulação do telhado o manto mariano, etc. Não titubeei em procurar saber as razões de aquele edifício figurar ali e comecei a construir um projeto de pesquisa que desenvolvo até hoje.

2) JANAÍNA CAPISTRANO: Ao privilegiar as expressões objetivas em detrimento do discurso religioso, o enfoque material forneceria bases mais seguras para as pesquisas sobre as dinâmicas de publicidade das religiões?

CARLOS PROCÓPIO: Não sei se existem bases seguras para estudar religião. As pesquisas têm avançado muito nos últimos anos e nossa característica de assimilar um pouco de tudo que existe mundo afora ajuda muito. O enfoque material ajuda a ver outras coisas que o foco no discurso não vê. Tenho me interessado em ver os engajamentos em situações, as performances, a maneira como as pessoas se colocam diante de edifícios, monumentos e objetos, onde a relação é mais importante que a justificção verbal daqueles que interagem no momento de uma ação. Ainda mais que quando perguntamos, a experiência à qual nos referimos já passou, e aí entra uma miríade de coisas para dar inteligibilidade para aquilo que se passou. Nesse momento, podemos inferir

qualquer coisa. É por isso que olhar para as materialidades das coisas, por outro lado, dá a possibilidade de olhar a situação na qual uma justificação aparece. Sempre ficamos diante de algo que nos faz fazer alguma coisa. É nesta interface entre a pessoa e a imagem do santo, entre a pessoa e a capela etc., que encontramos um lugar bom para pensar a “religião”.

3) JANAÍNA CAPISTRANO: Quando você fala sobre a (re)elaboração pela qual passam os discursos religiosos e aponta que o pesquisador pode “inferir qualquer coisa” sobre essas fontes, isso parece indicar um campo de estudos mais incerto ou uma dificuldade de objetificação, que não estaria tão presente quando o foco são as dinâmicas ditas materiais. Ao mesmo tempo podemos dizer que essas dimensões das religiões são interdeterminantes de diferentes formas e intensidades. Você poderia nos contar um pouco sobre como você vê essa interdeterminação, ou diálogo, entre o que é dito e o que é materializado pelas religiões?

CARLOS PROCÓPIO: Uma coisa é o que as pessoas dizem, outra coisa é o que elas fazem. Esta expressão não é minha, mas já a ouvi várias vezes, e se não estou enganado apareceu nas discussões da antropologia simétrica. Quando alguém é indagado a dizer o que sente ou o que se passou diante de uma experiência, é inevitável que vá recorrer aos elementos retóricos que ela tem à sua disposição. Não sei se é um bom caminho ir por aí. Nem todo mundo fala do mesmo jeito, nem se expressa da mesma maneira, mesmo que tenha compartilhado o mesmo conjunto de sensações. Quando olho para as situações que envolvem pessoas e objetos, consigo ver a intencionalidade da circularidade dos sentidos, como se imbricam e constituem um significado para aquilo que acontece.

4) JANAÍNA CAPISTRANO: Como a dinâmica de publicidade da religião católica por meio da Catedral da Sé em São Paulo incide na deliberação política sobre questões de interesse público?

CARLOS PROCÓPIO: A Sé foi palco de muitos eventos desde que ela era só um punhado de concreto armado sem qualquer sinal de verticalização. Greves

operárias, manifestações em prol de personagens políticos, atos religiosos católicos, atos ecumênicos, casamento de gente famosa do rádio, da televisão, do futebol. Tudo se pôde ver na Sé ao longo de mais de um século. Ela reivindicou a manutenção de uma centralidade, como outras igrejas católicas espalhadas pelo Brasil, e a população paulistana não a desprezou. Esta ocupou diuturnamente seus arredores e fez dela parte de uma história. Claro que o catolicismo tinha seu peso e arregimentava o coração de muita gente. A Catedral da Sé é uma personificação deste lugar público que a “igreja” detinha, e pelo tempo que foi possível teve seu protagonismo.

5) JANAÍNA CAPISTRANO: As transformações na dinâmica de publicidade através dos templos católicos em função do “sinal dos tempos” ou do “efeito mimético” reflete disputas internas à religião e disputas inter-religiosas?

CARLOS PROCÓPIO: Tem coisas que podemos considerar um sinal dos tempos e que pode ter sido forjado fora do catolicismo. Se aceitarmos a tese de que a Renovação Carismática Católica (RCC) é uma reação, ou melhor, uma dupla reação aos evangélicos e aos católicos progressistas, é correto analisar que um fenômeno como o Marcelo Rossi e os espaços de oração carismáticos (comunidades e até alguns santuários) respondem e são fruto de um efeito mimético, projetado desde setores evangélicos que tomaram a fé como espetáculo, e os espaços monumentais de encontro edificadas para a oração. Mas há processos que são inerentes ao próprio catolicismo e que não tem a ver com o tipo de reação propalado por parte das ciências sociais. A Igreja Católica continua fazendo igrejas e consagrando santuários, e isso parece ser parte da sua estratégia para manter viva uma comunidade imaginada a qual ainda anima.

6) JANAÍNA CAPISTRANO: Qual a relação do culto guadalupano com o contexto da tríplice fronteira?

CARLOS PROCÓPIO: A Catedral de Guadalupe teve que criar um culto guadalupano para que o templo construído ganhasse aderência. Este culto não tem quase nada a ver com o culto guadalupano que encontramos em países como

o México. Hoje temos uma festa no mês de maio, a Maína, que faz parte deste regime de devoção. Também temos uma romaria diocesana, em agosto e uma peregrinação da imagem de Guadalupe pela cidade, entre novembro e dezembro. O protagonismo guadalupano não se faz sem custo. A cidade e a região tinham outras imaginações católicas e foi necessário se vincular a algumas delas, inverter procedimentos, fomentar rupturas. Seria muito difícil emplacar um novo culto sem esse esforço. A Romaria é feita na mesma época em que é celebrado o antigo patrono da cidade, São João Batista, que acaba tendo sua imagem convocada para participar dos cortejos em que Guadalupe é reivindicada como protagonista. A peregrinação se dá na mesma época em que a padroeira do Paraguai, Caacopé, também peregrina pelas igrejas da cidade, e concorre com esta por visibilidade. A Maína, por sua vez, acaba sendo realizada no mês de devoção mariano, onde passa a ocupar um papel importante não só nas novenas, mas também ao se colocar como uma festa para a cidade.

Bibliografia

Finalmente, ao ser perguntado por referências bibliográficas que indicaria para aqueles que objetivam se dedicar ao estudo das religiões a partir da perspectiva da materialidade, o Prof. Carlos Procópio mencionou as seguintes obras: VERKAAIK, Oskar. *Religious architecture: anthropological perspectives*. Amsterdam: University Press, 2013; GIUMBELLI, E.; RICKLI, J.; TONIOL, R. (orgs.). *Como as coisas importam: uma abordagem material de religião - textos de Birgit Meyer*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2019 e MEYER, Birgit. *Aesthetic formations: Media, religion, and the senses*. Nova York: Springer, 2009.

Recebido em: 11/02/2022.
Aprovado em: 06/11/2024.